

HOLLY BOURNE

A Autora do Aclamado *Isto Só Acontece nos Filmes*

JÁ SOU
NORMAL?



SIM

NÃO

«Uma visão divertida e comovente sobre a perturbação obsessiva-compulsiva, segredos, feminismo e amizade.»

TOP
SEL
LER

#BLISS

The Telegraph

DIÁRIO DE ~~RECUPERAÇÃO~~
Normalidade

Data: 18 de setembro

Medicação: 20 mg de fluoxetina

Tomava 40 mg
Viva! Viva!

Pensamentos/Sentimentos: Já sou normal?

Trabalhos de casa:

- Tocar no rebordo do caixote do lixo da cozinha, e depois não lavar as mãos durante dez minutos.
- Comer três refeições por dia, e petiscar entre elas.
- Bom trabalho, Evie!! Continua assim. :)

(Então?!
Nem um autocolante como
prémio?!)

Trabalhos de casa da Evie:

1. Não deixar que ninguém na escola descubra tu sabes o quê.
2. Começar a fazer vida de pessoa normal, e pôr em dia tudo o que perdi nos últimos três anos.

Normal aos 16 =

- * Escola
- * Amigos (que não te ignorem porque és demasiado aborrecida)
- * Namorado? Um primeiro beijo, se não for pedir muito?
- * Festas? Diversão?

7

Tudo começou com uma festa.

Mas não era uma festa qualquer. Era também o Meu Primeiro Encontro. Tipo, o primeiro de SEMPRE. Em toda a minha vida. Porque, depois de toda a trampa, depois de tudo o que tinha corrido mal, estava finalmente pronta para os rapazes.

Ele chamava-se Ethan, gostava de Smashing Pumpkins (fosse lá isso o que fosse) e conseguira deixar crescer uma pequena amostra de barba. E gostava de mim o suficiente para, no final da aula de Sociologia, me convidar para sair. Era um rapaz divertido. Tinha uns olhos muito pequenos e escuros, mas giros. Eram parecidos com os olhos de um furão, mas um furão sexy. E tocava bateria e violino. Sabia tocar ambos os instrumentos! Embora fossem, tipo, completamente diferentes. E, e... .. e — oh, merda — que DIABO ia eu levar vestido?

OK, estava a stressar. E a ficar obsessiva. Era «obstressão» elevada a mil. E só podia ser qualificada de vergonhosa. Mas aquilo era importante para mim. Estava finalmente a fazer uma coisa NORMAL. E tinha a sensação de que seria capaz. Já sabia que roupa ia vestir. Pensara muito bem antes de escolher umas calças de ganga justas, um top preto e um colar vermelho, ou seja, aquilo que me pareceu mais seguro para um primeiro encontro.

Ia ser normal de novo, mas pensava fazê-lo com segurança.

> O modelito <

Calças de ganga = fixas, ficam bem a qualquer pessoa, e é o tipo de roupa que diz «meu, nem penses que vou para a cama contigo no primeiro encontro».

Top preto = adelgaçante — sim, eu sei... Bem, era o meu primeiro encontro, e os medicamentos tinham-me deixado um pouco... inchada.

Colar vermelho = uma pequena insinuação de sensualidade, porque, se te portares bem, e daqui a seis meses, quando eu estiver preparada, tiveres dito que me amas, e tiveres acendido umas velas e todo esse tipo de coisas que provavelmente nunca acontecem a ninguém...

... Ah, isso e depois de teres feito dez testes a DST e todos com resultados negativos.

Seria esse o modelo: giro e seguro.

Veste-o, Evie. Veste de uma vez a porcaria das calças e do top.

E assim fiz.

Antes de passar a explicar como tudo se passou e como foi o início de *qualquer coisa*, mas não o princípio de qualquer coisa com o Ethan, suponho que queiram saber como foi que o conheci, para assim conseguirem estabelecer alguma ligação emocional à história.

Bolas. Acabei de confessar que eu e o Ethan não nos demos bem.

Enfim. Quem poderá alguma vez jurar que teve um tórrido caso amoroso com um tipo parecido com um furão sexy?

> Como a Evie conheceu o Ethan <

Escola nova. Matriculei-me numa escola onde apenas alguns alunos me conheciam como a «rapariga que se passou». Apesar da minha escassa coleção de testes e de exames com aprovação que conseguira quase sem ir às aulas, a nova escola permitiu que realizasse aí os exames finais que me possibilitariam depois entrar numa universidade,

porque, na verdade, sou até bastante inteligente quando não estou internada num hospital psiquiátrico.

Reparei no Ethan na primeira aula de Sociologia. Bem, talvez porque ele fosse o único rapaz da turma. Além disso, não esqueçamos o seu ar sexy de furão com barba.

Sentou-se à minha frente e os nossos olhares cruzaram-se quase de imediato.

Voltei-me, para ver para quem ele olhava. Não havia ninguém atrás de mim.

— Olá, sou o Ethan — apresentou-se ele, fazendo um pequeno aceno com a mão.

Retribuí o gesto.

— Olá, chamo-me Evelyn... Evie. Toda a gente me trata por Evie.

— E já alguma vez fizeste Sociologia, Evie?

Olhei para o manual imaculado sobre a mesa, a lombada completamente intacta.

— Hum, não.

— Eu também não — disse ele. — Mas ouvi dizer que era tiro e queda. Não vai ser difícil tirar uma boa nota, não é? — E mostrou um enorme sorriso que provocou todo o tipo de sensações dentro de mim. A ponto de ser obrigada a sentar-me; mas já estava sentada, por isso limitei-me a agitar desajeitadamente, meio em pânico, e depois deixei escapar uma risadinha para dissimular a coisa. — E matriculaste-te porquê? — indagou.

Uma pergunta. Vá, Evie, tu és capaz de responder a perguntas. Portanto, sorri e declarei:

— Pareceu-me mais segura do que Psicologia.

Ups. *Pensa*. Tens de pensar antes de responder, Evie.

Ele fez uma careta sob a grenha despenteada.

— Mais segura? — repetiu.

— Sim, sabes como é... — tentei explicar. — Eu... hum... bem... Não queria que me enchessem a cabeça de ideias.

— Ideias?

— Sou muito sugestionável.

— Que tipo de ideias? — Ele inclinou-se sobre a mesa com um ar interessado. Ou desconcertado.

Encolhi os ombros e remexi na mochila.

— Bem, é que em Psicologia aprendes todas as coisas que podem correr mal com o teu cérebro — respondi.

— E?

Continuei a remexer na mochila.

— E isso são mais motivos de preocupação, certo? Sabias que existe uma coisa chamada transtorno de identidade e integridade corporal?

— Transtorno de quê? — perguntou ele, e fez de novo aquele sorriso.

— De identidade e integridade corporal. É como se acordasses um dia convencido de que não devias ter duas pernas. De súbito, odeias uma delas e desejas que te seja amputada. Na verdade, algumas pessoas que sofrem deste transtorno agem como se fossem amputadas! E a única forma de curar a doença é ter o membro decepado por um qualquer cirurgião ilegal. As pessoas não costumam desenvolver TIIC, é o que chamam a esta doença, TIIC, antes dos 20 anos. Qualquer um de nós pode vir a tê-la. Ainda não sabemos. Resta-nos esperar que continuemos emocionalmente ligados aos nossos membros. É por isso que considero a Sociologia mais segura.

O Ethan desatou a rir, fazendo com que as restantes raparigas da turma se virassem e ficassem a olhar para nós.

— Acho que vou gostar de fazer Sociologia contigo, Evie. — Piscou-me discretamente o olho e inclinou a cabeça numa atitude descarada.

O meu coração acelerou de forma dramática, mas não como costumava acontecer, era como se tivesse um inseto preso lá dentro. De uma forma nova e agradável.

— Obrigada, acho.

O Ethan passou o resto da aula a olhar para mim.

Foi assim que nos conhecemos.

JÁ SOU NORMAL ?

* * *

Olhei-me ao espelho. Ao início, com o nariz colado à superfície. Recuei um pouco e olhei novamente. Depois fechei os olhos e abri-os muito depressa, para me surpreender e conseguir uma reação imparcial.

Não tinha mau aspeto, na verdade.

A partir do meu reflexo, era impossível perceber o meu nível de nervosismo.

O telemóvel apitou e o meu coração agitou-se como se fosse um tremor de terra.

Ei, estou no comboio. Mal posso esperar para te ver esta noite. x

Ele ia. Era verdade. E foi então que vi as horas no telemóvel e entrei em pânico. Estava a sete minutos de chegar atrasada. Atirei tudo para a mala e depois corri para a casa de banho para escovar os dentes e lavar as mãos.

Assim que terminei, aconteceu.

PENSAMENTO NEGATIVO

Lavaste-as como deve ser?

Quase me dobrei sobre mim própria. Foi como se me tivessem espetado uma agulha de tricô nas entranhas.

Não, não, não, não, não.

E logo outro pensamento se veio juntar à festa.

PENSAMENTO NEGATIVO

Devias voltar a lavá-las, para teres a certeza.

Nessa altura dobrei-me efetivamente sobre mim própria, agarrando-me à beira do lavatório ao mesmo tempo que o meu corpo se contorcia.

A Sarah alertara-me para isto. Dissera que os pensamentos podiam regressar assim que diminuísse a dosagem dos medicamentos. Avisou-me para estar preparada. Contudo, segundo ela, seria capaz de os aguentar porque já possuía «mecanismos de defesa».

A minha mãe bateu à porta da casa de banho. De certeza que estava secretamente a controlar o tempo — tudo o que demorasse mais de cinco minutos era um sinal de alerta.

— Evie? — chamou.

— Sim, mãe — repliquei, ainda feita num oito.

— Está tudo bem? A que horas tens de sair para a festa?

Ela sabia apenas da existência da festa. Não fazia a menor ideia de que eu tinha um encontro. Quanto menos a minha mãe soubesse, melhor. A minha irmã mais nova, a Rose, estava a par de tudo, mas jurara manter segredo.

— Estou ótima. Vou já sair.

Escutei os passos dela afastarem-se pelo corredor e soltei um lento suspiro de alívio.

PENSAMENTO LÓGICO

*Estás bem, Evie. Não precisas de lavar as mãos outra vez, pois não?
Acabaste de as lavar.
Vá, sai daqui.*

Tal como um soldado bem treinado, endireitei-me e, com toda a calma do mundo, destranquei a porta da casa de banho. Mas não sem que uma última avaria do cérebro abrisse caminho para um comentário final.

PENSAMENTO NEGATIVO

Oh, não, Lá está ele outra vez.

2

Após um verão sombrio, com uma chuva miudinha constante daquela capaz de frisar o cabelo, setembro parecia estar a portar-se bem melhor. Levava o blusão de cabedal pendurado no ombro enquanto caminhava em direção à estação. Estava um fim de dia agradável e ainda havia luz. Dois miúdos patinavam pelo passeio e os pais apreciavam uma cerveja sentados no jardim em frente da casa.

Eu estava uma pilha de nervos.

Não quisera ir encontrar-me com ele sozinha. Mas a Jane — A TRAI-DORA — ia de boleia para a festa com o Ladrão de Amigas... perdão, queria dizer o Joel.

— Não precisas de companhia para te encontrares com o teu par — argumentara a Jane, com uma voz demasiado doce. — Não te parece um pouco... imaturo?

Pessoalmente, considerava mais imaturo pintar o cabelo de preto quando ele é naturalmente loiro num gesto de revolta contra uns pais que não podiam ser mais simpáticos, como eram os da Jane. Mas não lhe disse nada disso. Limitei-me a olhar para os pés e, por isso, não vi o enrugar paternalista ao canto dos seus olhos maquilhados.

— Achei apenas que seria fixe, tipo, se chegássemos todos juntos — retorqui. — Tu e o Joel. O Ethan e eu. Sabes, em grupo.

— Querida, ele vai querer que sejam apenas vocês. Confia em mim.

Costumava confiar na Jane...

Costumava confiar no meu discernimento.

Costumava confiar nos meus pensamentos.

As coisas mudam.

E, por aqueles dias, as coisas estavam um pouco rodopiantes.

E se o Ethan não aparecesse? E se a noite corresse pessimamente? E se ele percebesse que eu não batia bem da bola e perdesse o interesse? E se eu nunca encontrasse uma pessoa que me suportasse? Sim, sabia que estava a melhorar, mas continuava a ser... bem... eu.

Recordei aquilo que a Sarah me disse sobre sair com rapazes.

> O que a Sarah me disse sobre sair com rapazes <

— Tenho um encontro — confessei-lhe.

Encontrava-me sentada no consultório, na minha cadeira preferida, e retorcia um coelhinho de peluche. A Sarah também exercia terapia familiar, por isso havia sempre montes de brinquedos com os quais me entreter quando ela me dizia coisas que eu preferia não ouvir.

É impossível surpreender um terapeuta; eu estava com ela há dois anos e aprendi isso bem cedo. Todavia, a Sarah sentou-se mais direita no seu enorme cadeirão de pele.

— Um encontro? — perguntou ela, o seu tom de voz muito imparcial e típico de uma psiquiatra.

— Este fim de semana. Vou com ele a uma festa na casa de uma amiga. — O coelho rodopiou mais depressa e eu não fui capaz de conter um sorriso. — Não é bem um encontro, encontro. Quero dizer, não haverá velas nem pétalas de rosa, nem nada do género.

— E esse encontro é com quem?

A Sarah anotou qualquer coisa no seu bloco de folhas A4, tal como sempre fazia quando eu dizia alguma coisa que lhe interessava. Parecia quase um acontecimento, quando ela pegava na sua caneta *Bic*.

— Com o Ethan, da aula de Sociologia — esclareci.

JÁ SOU NORMAL ?

— Muito bem, e como é esse Ethan?

Senti borboletas na barriga e o meu sorriso alargou-se.

— Toca bateria. E acredita que poderá ser marxista. E considera-me engraçada. Disse-o ontem: «Evie, és tão engraçada.» E...

A Sarah interrompeu-me com a sua pergunta típica:

— E como é que isso te faz sentir, Evelyn?

Suspirei e pensei durante alguns segundos.

— Faz-me sentir bem.

A caneta voltou a mover-se.

— E faz-te sentir bem porquê?

Atirei o coelhinho para a caixa dos brinquedos e espreguicei-me, enquanto tentava elaborar uma resposta.

— Acho que... nunca me passou pela cabeça que um rapaz pudes-se gostar de mim. Não com tudo o que se passa aqui em cima... — Apontei para a cabeça. — E, bem, sabes, seria bom ter um namorado... como toda a gente... — Calei-me.

A Sarah semicerrou os olhos e eu preparei-me para o que aí vinha. Dois anos haviam-me ensinado que olhos semicerrados equivaliam a pergunta sem rodeios.

— Pode ser bom, mas acreditas que seria a coisa mais saudável para ti neste momento?

Levantei-me de um pulo, furiosa.

— Ei! Não posso ter uma coisa normal porquê? Tens de concordar que estou a melhorar. Reduzi a medicação. Vou às aulas todos os dias. Tenho boas notas. A semana passada até pus a mão num balde do lixo, ou já te esqueceste?

Voltei a afundar-me na cadeira, pois sabia que ela não ia ceder ao meu ímpeto dramático. Tal como desconfiava, nem se mexeu.

— É normal querer uma coisa normal, Evie. Não estou a negar-te isso, e não estou a dizer que não podes ou não deves fazê-lo...

— De qualquer maneira não podes impedir-me, sou uma pessoa livre. O silêncio foi o castigo pela minha interrupção.

— A única coisa que vou dizer, Evie, é que estás a sair-te brilhantemente. Tu própria o disseste. Contudo... — Bateu com a caneta no bloco e percorreu o interior da bochecha com a ponta da língua. — Contudo... as relações são complicadas. Principalmente os relacionamentos com rapazes da tua idade. Podem fazer com que penses e analyses demais as coisas e que depois te sintas mal contigo própria. E podem até fazer com que as raparigas mais «normais» — disse, desenhando as aspas com os dedos — sintam que estão a enlouquecer.

Pensei por instantes.

— Então, estás a dizer que o Ethan me vai arranjar problemas?

— Não. Estou a dizer que geralmente os namorados e as namoradas arranjam problemas uns aos outros. Quero apenas certificar-me de que estás forte o suficiente para aguentares os problemas, e tudo o resto.

Cruzei os braços.

— Mesmo assim, vou sair com ele.

Ainda era uma caminhada longa até à estação de comboio. O sol pôs-se aos poucos, tingindo o céu de um roxo carregado. No lugar onde vivo, o céu parece não ter fim. A maioria das casas tem quatro frentes e enormes jardins. No centro há um Starbucks e um Pizza Express, alguns bares e os restantes estabelecimentos habituais, mas não deixa de ser uma ilha de animação num vasto mar residencial.

O Ethan enviou-me outra mensagem para me informar a que horas o seu comboio chegaria. Ele vivia noutra cidade. O trajeto de comboio durava exatamente 19 minutos.

PENSAMENTO NEGATIVO

*É se ele se agarrar a um dos varões da carruagem?
É se alguém com norovírus espirrar para a mão e depois
se agarrar à mesma zona do varão antes do Ethan?
É se o Ethan depois me quiser dar a mão?*

JÁ SOU NORMAL ?

Tropecei e por pouco não caí. Isto de sair com um rapaz estava *de facto* a afetar-me. No entanto, como sempre acontecia na minha cabeça, as confusões nunca eram «normais».

> *Coisas com as quais me parece normal preocupar-me antes de um primeiro encontro* <

- Será uma situação estranha?
- Irão gostar de mim?
- Que tal estou?
- Irei gostar deles?

Passei o dia com estes pensamentos às voltas na cabeça, como um carrossel de neurose, mas também tive pensamentos negativos e estúpidos sobre bactérias. Como sempre me acontecia.

Para me distrair, recordei de que maneira eu e o Ethan tínhamos chegado a este primeiro encontro.

> *Como eu e o Ethan chegámos ao primeiro encontro* <

Ele entrara na segunda aula com ar de quem estava muito satisfeito consigo próprio.

— Ei — cumprimentei-o timidamente quando se sentou à minha frente.

— Síndrome de mão alheia — disse ele, fazendo um aceno de cabeça pretensioso.

— O quê?

— É mais uma coisa que podes acrescentar à tua lista de medos. A síndrome de mão alheia.

Ele não se esquecera da nossa conversa! E tinha feito a sua própria pesquisa! Esbocei um sorriso e inclinei a cabeça.

— Ai sim? E o que é isso?

Espera lá... QUE DIABO É A SÍNDROME DE MÃO ALHEIA? E SERÁ CONTAGIOSO?

— É uma cena completamente marada. — Agitou as mãos como se estivessem descontroladas. — É uma desordem neurológica em que as tuas mãos, tipo, parecem ter vida própria e passam a realizar tarefas de forma involuntária. — Agarrou o pescoço e fez de conta que se estrangulava.

— O quê, até as mãos de *jazz*? — perguntei, tentando aligeirar o assunto para não me passar por completo.

Ele agitou os dedos diante do meu rosto enquanto eu me ria com nervosismo.

— Iá, talvez. Mas, às vezes, a mão alheia esbofeteia pessoas ou atira coisas para o chão; pode até tentar estrangular alguém. Deixa-me exemplificar-te.

Tirou o telemóvel do bolso e acedeu a um vídeo no *YouTube*. Em seguida, verificou se o professor de Sociologia ainda não tinha chegado e inclinou-se para mim, de maneira que o pudéssemos ver sem ninguém se aperceber. Nunca sentira a cara de um rapaz tão perto da minha e experimentei um pânico bom. O Ethan cheirava a fogueira, mas era agradável. Foi com dificuldade que me concentrei no vídeo.

Fui a primeira a recuar, e tirei o manual da mochila.

— Não acredito — declarei. Não querendo acreditar no que vira.

— Mas é real, a sério.

— Como foi que conseguiste isso?

O Ethan guardou o telemóvel no bolso.

— É um dos possíveis efeitos secundários de uma cirurgia para curar a epilepsia.

Deixei escapar um enorme suspiro de alívio.

— Ah, do mal, o menos. Já passei da idade em que se desenvolve a epilepsia.

O Ethan desatou-se novamente a rir, e nesse instante o professor entrou na sala e mandou-o calar.

A aula começou. O professor passeou-se diante do quadro branco interativo, enquanto nos apresentava o marxismo e o funcionalismo. O Ethan deu-me um pontapé por baixo da mesa. Fitei-o e ele encarou-me intensamente, antes de ocultar o olhar sob o cabelo, com um sorrisinho no seu rosto redondo e com covinhas. Contive um sorriso e dei-lhe um pontapé como desforra. Quando ele olhou para mim, fitei-o durante um segundo.

O melhor jogo de todos. Pontapé, olhar fixo. Pontapé, olhar fixo. Fiquei com pele de galinha por todo o corpo e a aula passou a ser ruído de fundo.

Não tive um único pensamento negativo durante toda a aula.

Na aula seguinte, eu estava preparada.

— Delírio de Capgras — disse, antes mesmo de ele conseguir sentar-se.

Ele lançou as mãos para trás.

— Oh, não, eu também tenho uma. Deixa-me ser o primeiro.

Abanei a cabeça.

— Nem pensar. O meu primeiro.

— Está bem, está bem. O que é o delírio de Capgras? — indagou ele.

Assumi um tom de voz autoritário.

— É quando, de repente, comesas a acreditar que uma pessoa que te é próxima, como o teu marido ou a tua irmã, foi substituída por um impostor idêntico.

— Uau. Nunca pensei que isso fosse possível.

— Eu sei.

— Como um gémeo maléfico?

— Mais ou menos, sim.

— Isso é tão fixe.

— Pois. — Já tinha verificado no *Google* e não pertencia ao grupo de risco.

O Ethan atirou a mochila para o chão e esticou-se na cadeira.

— Alotriofagia — disse.

— Como?

— Alotriofagia. É um transtorno alimentar em que a pessoa adora comer objetos que não são comestíveis e que não têm valor nutricional. Como pedras, portáteis e coisas assim. É uma fome compulsiva. E passas a vida a entrar e a sair do hospital porque comeste coisas que não devias.

Começava a abrir a boca para falar quando ele me interrompeu.

— Não te preocupes. É pouco provável que possas ter. Está ligado ao autismo.

Anuí com um ar satisfeito.

— Obrigada.

Trocámos um sorriso, mas fomos, uma vez mais, interrompidos pelo professor, que teimava em dar a aula.

Durante as aulas seguintes, fomos explicando um ao outro transtornos que íamos descobrindo. Até que, de repente, um dia, o Ethan pareceu verdadeiramente interessado em aprender. Vi-o escrevinhar no seu caderno enquanto nos apresentavam a grande revelação de Karl Marx de que os pobres não eram bem tratados pelos ricos. Também me esforcei por me concentrar e abri o caderno para tomar notas.

Foi então que o caderno dele deslizou até junto de mim.

Posso convidar-te para sair?

Fiquei sem fôlego e sorri durante toda a aula. Como resposta, escrevi apenas uma palavra...

Talvez.

A campainha tocou e toda a gente se levantou para arrumar as coisas nas mochilas.

— Então — disse ele, sentando-se mesmo à minha frente. Era tão confiante. E isso atraía-me.

— Então, o quê?

— Estás por cá este fim de semana? — quis saber. — Gosto de ti, Evie, és gira e excêntrica.

EXCÊNTRICA!? Tinha conseguido finalmente ser despromovida do espetro da estranheza para ser apenas excêntrica!

Revi os meus planos.

— No sábado vou a uma festa em casa de uma amiga, a Anna. Ela diz que a mãe é muito moderna e que a deixa dar festas em casa. A primeira é este fim de semana.

— Fixe. Posso ir? Contigo, quero eu dizer.

OHMEUOHMEUOHMEUOHMEUOHMEUDEUSSSSSSSS.

— Claro — respondi, ao mesmo tempo que os nervos e a alegria que sentia se espalhavam pela minha corrente sanguínea.

— Ótimo, é onde?

Alcancei a plataforma dois minutos antes de o comboio chegar e bati com o pé no chão enquanto aguardava. Permiti-me ficar animada. Tipo, animada de verdade. Estaria a apaixonar-me? Seria aquilo o início? Teria conseguido dar com um rapaz simpático e sexy logo na minha primeira tentativa de encontro? Estaria esta coisa do karma a tentar compensar-me pela porcaria de vida que me oferecera nestes últimos três anos?

Sim. Talvez. Não, merda, sim.

O comboio estava a chegar. O Ethan estava a chegar. Finalmente, e pela primeira vez, estava a viver a minha vida como devia ser. Ao menos, por uma vez, ia ter uma oportunidade.

As portas do comboio abriram-se... O Ethan apareceu por entre a multidão de passageiros que saía... e tropeçou nos seus próprios pés, estatelando-se no chão. Da sua mão rolou uma garrafa de sidra, de dois litros.

— Raios! — bradou. Tentou pôr-se de pé, mas voltou a cair, rebo-
lando e rindo.

Aquilo não devia estar a acontecer.

Avancei para ele com alguma hesitação. Os passageiros contornaram-
-nos, fitando-nos com desprezo.

— Ethan? — chamei.

— UAU, EVIE, PRECISO QUE ME AJUDES A LEVANTAR.

Estendeu-me a mão, e eu puxei-o a custo, cambaleando sob o peso
do seu corpo quando se endireitou. Tresandava. A sidra. E quiçá um
pouco a vomitado.

— Ethan... estás bêbedo?

Retrocedeu uns quantos passos, como se fosse cair novamente,
equilibrou-se e em seguida abriu um sorriso orgulhoso.

— Não te preocupes, querida. Tenho que chegue para ti. — Levou a
mão ao interior da mochila e retirou outra garrafa de dois litros. Estava
cheia apenas até meio.

Dei-me conta de que a Sarah era capaz de ter razão.

3

A casa da Anna não ficava longe, mas com o Ethan alcoolizado, demos o dobro do tempo a chegar.

— Vem para o passeio — ordenei, puxando-o para longe do trânsito. Ao ver que lhe pegava pela mão, ele supôs que a minha intenção fosse outra e apertou a minha com força. Notei que a mão dele estava quente e suada.

Esforcei-me por não pensar nos germes, mas não consegui.

O Ethan tropeçou nos seus próprios pés.

— Ups! Uau, tu tens bons reflexos.

O peso do seu corpo mudou e deslizou para debaixo do meu braço; estava praticamente a arrastá-lo até à festa. Ele parava a cada dois ou três passos a fim de emborcar mais um pouco de sidra. Metade acabava a encharcar-lhe a t-shirt dos Smashing Pumpkins, e o resto escorria-lhe pelos cantos da boca. Pensei em fugir. Poderia fazê-lo? Ou teria encontrado o meu par em esquisitice? Teriam os Deuses do Amor considerado aquele comportamento digno da minha pessoa? Não podia deixar o Ethan: eu de certeza que já me devia ter comportado de forma bem mais estranha no passado.

O Ethan lançou a segunda garrafa de sidra vazia por cima de uma vedação e foi aterrar no jardim de uma casa.

— Vai buscá-la.

— OK. — Nem sequer argumentou.

Virámos para a rua da Anna.

— Estamos quase a chegar — informei, como se estivesse a levar o meu filho à Disneyland.

O Ethan estugou o passo e depois voltou-se e começou a andar na minha direção.

— Ei, adivinha. — O sorriso dele era tão largo que me vi obrigada a sorrir também. Ai, aquelas covinhas traçoeiras!

— O quê?

Ele olhou para a mão, depois abriu a boca num grito de terror e fez de conta que se estrangulava, tal como fizera na aula de Sociologia.

— REPARA, É A MÃO ALHEIA, E ESTÁ DESCONTROLADA.

Embora não quisesse, deixei escapar uma risadinha.

— QUE IRÁ ELA FAZER EM SEGUIDA? — Deu uma bofetada no próprio rosto. — Oh, não, quer saltar para outros corpos. — Esticou o braço e agarrou-me a mama. Olhei para o peito, horrorizada.

— PÓ-PÓ — fez o Ethan com um sorriso. Dei-lhe uma palmada na mão.

— Acabaste de me agarrar a mama?

Demasiado alcoolizado para notar o tom de horror na minha voz, o Ethan sorriu ainda mais.

— Não fui eu. FOI A MÃO ALHEIA.

Mas como? Como é que uma coisa daquelas podia estar a acontecer comigo?

Dei-lhe um empurrão para trás e entrei na casa da Anna. O Ethan cambaleou atrás de mim, gritando:

— ESPERA, A MÃO ALHEIA ESTÁ ARREPENDIDA.

A música *rock* ressoou nos meus ouvidos assim que entrei. Fui impedida de prosseguir pelo número de pessoas que bloqueavam o *hall*. Havia grupos de colegas lá da escola espalhados pelas escadas como bolhas de uma garrafa de champanhe acabada de abrir. O som do baixo

fazia o meu coração bater mais depressa. Olhei em redor à procura de uma cara conhecida. O Ethan, entretanto, alcançou-me.

— Ei, desapareceste. — Ele tinha um ar tão perdido e querido, que amoleci um pouco e permiti que voltasse a dar-me a mão.

— Nada de mãos alheias, OK? — Uma frase que nunca me imaginei a dizer.

— OK.

Abrimos caminho por entre a multidão, dizendo «olá» a uns e a outros enquanto passávamos. A Jane — a TRAIIDORA — estava sentada no sofá da sala de estar, unida cirurgicamente ao Joel. Não sei como, mas lá conseguiu levantar-se para nos cumprimentar com um abraço.

— Evie, conseguiram vir!

Dei-lhe um pequeno abraço pouco apertado e depois afastei-me para lhe examinar o rosto. Da sua boca pendia um *piercing* novo.

— Uau, Jane, tens um *piercing* no lábio.

E a tua personalidade foi sugada por esse teu namorado-vampiro.

— Lindo, não é? — disse ela, num tom arrastado e ameninado.
— Doe *com'amerda*, mas o Joel diz que o adora.

Fitei o Joel com as sobranceiras arqueadas.

— Tens aqui uma namorada e peras — disse-lhe.

— Eu sei, não é a maior? — Puxou a perna da Jane como se ela fosse um cachorrinho que tivesse de controlar.

— Ah, Joel — disse ela com um sorriso afetado.

Para me distrair da náusea que tudo aquilo me dava, apontei para o meu par e fiz figas para que ele conseguisse controlar-se.

— Ei, malta, este é o Ethan.

O Joel acenou, não se dando sequer ao trabalho de se levantar e dizer «olá». Ele não estava para se maçar por ninguém.

— UAUUUU — bradou o Ethan, como se fosse um universitário numa despedida de solteiro. — ALTA FESTA.

Inclinei-me para a Jane e gritei-lhe ao ouvido por cima da música:

— Jane, ele está a cair de bêbedo.

— Já percebi.

— O que faço?

O Ethan fez o gesto dos cornos com a mão, típico dos seguidores de *heavy metal*, e deu um salto. Ficou toda a gente a olhar para ele.

A Jane parecia prestes a dar-me um conselho, mas depois o Joel puxou-a de volta para o sofá e beijou-a como se precisasse disso para respirar. Fiquei sozinha por instantes, a pensar no que devia fazer. Precisava de distância de toda aquela situação.

— Vou à cozinha procurar uma bebida alcoólica — gritei para o Ethan. Ele parou de abanar a cabeça.

— Trazes-me mais sidra? — pediu.

— Tens a certeza de que não bebeste já o suficiente?

— A sidra nunca é suficiente.

— Acho que és a prova viva do contrário.

— O quê?

— Esquece.

> Por que razão a Jane era uma traidora <

A Jane e eu. Eu e a Jane. Sempre as duas contra o Universo. Bem, pelo menos contra a escola secundária. Conhecemo-nos no 8.º ano e a mútua indiferença pelos restantes alunos fez com que ficássemos amigas instantaneamente.

— Olá — cumprimentara ela, sentando-se ao meu lado e atirando com a mochila para cima da mesa numa atitude de quem se está a borrifar para tudo. — Sou a Jane. Sou nova aqui na escola. Odeio toda a gente nesta sala.

Olhei em volta para o grupo de raparigas populares que se aperaltavam a um canto, para os rapazes que faziam sons de peidos nos sovas e para o grupo dos sonsos que se sentavam na primeira fila.

— Chamo-me Evelyn. E também odeio toda a gente.

Lançou-me um sorriso malévolo.

— Maravilha. Então podemos ser amigas.

Nunca conheci uma proximidade como aquela. Passávamos quase todas as horas do dia juntas. Caminhávamos juntas para a escola, passávamos a hora do almoço encostadas uma à outra a trocar mexericos e a ridicularizar os nossos colegas de turma através de desenhos. Depois das aulas íamos para casa uma da outra: assistíamos a filmes, criávamos coreografias tolas e devorávamos os segredos mais íntimos e obscuros uma da outra.

No 9.º ano adoeci.

Depois piorei.

Em seguida, fiquei ainda pior do que já estava.

A Jane esteve sempre ao meu lado.

Esteve sempre comigo nas casas de banho da escola, a acalmar-me, a limpar-me as lágrimas enquanto eu lavava as mãos até a pele ficar tão sensível que o sangue pingava para o lavatório. Nos dias maus, quando a simples ideia de pôr um pé fora de casa era inimaginável, ela aparecia sempre em minha casa depois das aulas, com os trabalhos de casa de baixo do braço e as últimas novidades. Visitava-me sempre aos fins de semana quando eu não era capaz de fazer nada, ou ir a lado nenhum, porque tudo me parecia aterrador. Nunca me pressionava. Nunca me julgava. Nunca se queixava. Permitia que eu ficasse deitada no sofá da sua sala enquanto ela tocava clarinete.

Quando melhorei, ficámos mais fortes do que nunca. Quando alguém me chamava anormal, ela defendia-me com unhas e dentes. Não se importou quando, à última hora, me passei da cabeça e não consegui ir ao baile de fim de curso e ficámos a ver o filme *Carrie*. No último dia do 11.º ano demos saltos de alegria, abraçadas uma à outra, à porta da escola.

— Vamos sair daqui, Evie, vamos finalmente embora — disse ela.
— O último ano vai ser tão diferente, e fantástico e brilhante. Podemos ser pessoas completamente novas.

— Eu já não serei «a miúda que se passou dos carretos».

Ela mostrou-me um sorriso radiante.

— E eu não serei «a amiga da miúda maluca».

Passámos o verão eufóricas: a planear a nossa nova vida, a nossa futura felicidade, com a mesma determinação de uma noiva prestes a casar-se.

A Jane conheceu o Joel no nosso primeiro dia no 12.º ano.

Veio ter comigo a correr no final da tarde, as faces afogueadas, o cabelo revolteado pelo vento.

— Oh, meu Deus, Evie, na minha aula de Filosofia há um tipo completamente incrível. Chama-se Joel.

Dei uma risadinha e imitei um gorila.

— Eu Joel, tu Jane.

Ela não achou graça.

— Estou a falar a sério. Ele passou a primeira meia hora a olhar para mim. Não estou a exagerar. E depois o professor pediu-nos que respondêssemos ambos a umas perguntas e, ai, Evie, ele é tão profundo. Ele, tipo, ENTENDE Aristóteles. E é guitarrista numa banda. E tem tatuagens, mas, sabes, são tatuagens giras...

A Jane continuou a divagar enquanto eu analisava o estranho sentimento que se formava no meu estômago. Um baque desconfortável, um doentio ataque de...

... Ciúmes.

Queria alegrar-me pela Jane. Ela merecia ser feliz. Merecia um «muito bom» por ter sido perfeita durante tanto tempo. Emiti todos os ruídos certos quando ela o elogiou. Fiz de conta que não tive vontade de chorar quando, dois dias mais tarde, ela anunciou que ele a convidara para sair. Ajudei-a a escolher uma roupa que nada tinha que ver com aquilo que ela costumava vestir. *Doc Martens*... a sério? A mesma rapariga que tocava clarinete no 8.º ano e tinha o álbum *Now That's What I Call Disney*.

Em troca, nas últimas três semanas, tudo o que recebi dela foram chamadas não atendidas. Deixava-me mensagens dizendo, «O Joel vem

buscar-me esta manhã, desculpa», e grande parte das manhãs eu ia sozinha para a escola. Ela passava a hora do almoço no relvado, acampada no colo do Joel, a enfiar-lhe a língua na boca. Eu ficava sentada ao lado deles, a fazer conversa fiada com os amigos do Joel, enquanto a minha amiga se apaixonava mais depressa do que eu alguma vez acreditara ser possível.

Os seus bonitos vestidos *vintage* transformaram-se em t-shirts de bandas usadas com minissaias de ganga rasgadas e ténis da marca *Converse*. Do dia para a noite, o seu bonito cabelo loiro tornou-se negro como azeviche e nem me pediu ajuda para o pintar. Começou a usar delineador nos olhos. Venerava bandas que soavam como ursos a fazer sexo numa explosão de todo o ruído do mundo.

Não se limitara a entregar o seu coração ao Joel, mas toda a sua personalidade, toda a sua... *janeidade*. Num piscar de olhos, e tão de bom grado. Devia estar desesperada por se ver livre de mim. Eu devo ter sido tão irritante que ela mal podia esperar por mudar de identidade, só para fugir de mim.

Aquilo que eu não suportava não era ela ter deixado de ser minha amiga — embora isso doesse mais do que a picada de uma abelha —, mas que se desfizesse de quem era e do que considerava importante só porque um rapaz gostava dela. Para mim isso transformava-a numa traidora do género feminino... e dela mesma. Mas talvez eu simplesmente me sentisse sozinha... ou enciumada. Ou ambas.

A cozinha estava repleta de bebidas alcoólicas. Pilhas de latas de cerveja, garrafas de vinho meio cheias e algumas garrafas de bebidas espirituosas mais fortes cobriam o balcão da cozinha. O melhor amigo do Joel, o Guy, despejava cerveja para um copo de plástico vermelho.

— Tudo bem, Evie? — Fez um aceno de cabeça, concentrando-se em conseguir o volume certo de espuma. Partilhávamos uma incómoda amizade desde que o seu melhor amigo e a minha melhor amiga se haviam transformado num sonho de amor jovem.

— Estou bem. Quer dizer, mais ou menos. O meu par está, tipo, a cair de bêbedo.

O Guy levantou a cabeça do copo.

— Vieste com um rapaz?

Abanei-lhe a cerveja de propósito, fazendo com que algum do líquido se entornasse sobre as suas mãos.

— Ei, também não é preciso fazeres esse ar tão admirado.

O Guy sorriu e limpou as mãos às calças de ganga. Ele era a única coisa meio decente na transformação da Jane numa impostora. Ele e o Joel faziam parte da mesma banda de treta, mas o Guy até era porreiro. Era engraçado, esperto, embora um pouco convencido. E até se podia considerar atraente, se uma pessoa apreciasse a cena do cabelo despenhado, das calças de ganga rasgadas e esse tipo de coisa.

Era uma lástima que andasse quase sempre pedrado...

— E está muito entornado? — inquiriu.

Despejei um pouco de vinho tinto para um copo e dei um gole hesitante.

— Está a fazer *headbanging* e a dar saltos ao mesmo tempo, coisa que eu nunca pensei que fosse possível.

— *Aquele tipo* é o teu par? — O Guy arqueou as suas densas sobrancelhas de forma sarcástica.

Deixei escapar uma gargalhada.

— Viste-o?

— Sim. Meu, ele está TÃO bêbedo.

— Quando vínhamos para aqui, fez de conta que sofria de síndrome de mão alheia e usou isso como desculpa para me apalpar a mama.

Arrependi-me de o dizer assim que acabei de falar, uma vez que o simples facto de se pronunciar a palavra «mama» faz com que os rapazes olhem automaticamente para lá. E foi exatamente isso que o Guy fez. Sem o menor pudor. Abriu um sorriso pecaminoso e deu um gole na sua cerveja.

— Não posso censurá-lo.

JÁ SOU NORMAL ?

— Ei!

— Estava só a comentar.

— Pois não comentes. — Cruzei os braços diante do peito.

O surdo martelar da música fazia com que os copos de vidro dos armários tilintassem. Ficámos ali a rir um do outro antes de o Guy esvaziar o copo.

— Então, gostas desse tipo?

Encolhi os ombros.

— Acho que sim. Ele disse-me que gostava dos Smashing Pumpkins e eu googlei para ver do que se tratava.

— Céus! As raparigas fazem mesmo isso?

— O quê? É só uma pesquisa no *Google*! Isso quer dizer que não farias o mesmo por uma rapariga que te agradasse?

O Guy olhou para o seu peito e projetou-o para fora.

— Sou perfeito, sei tudo.

A manga da t-shirt subiu e deixou o bíceps a descoberto. Reparei numa crosta.

— Espera lá! Tens uma tatuagem nova? — Inclinei-me para a examinar ao mesmo tempo que ele, todo inchado de orgulho, enrolava a manga de forma que eu pudesse vê-la como deve ser.

— Fi-la a semana passada. Já está na fase de criar crosta.

Torci o nariz.

— Maravilhoso.

Ele traçou delicadamente o desenho escuro com a ponta do dedo. O contorno continuava um pouco vermelho onde a tinta tomara conta da pele.

— É tribal — informou ele, cheio de vaidade.

Revirei os olhos.

— As pessoas dizem sempre isso das tatuagens. Mas significa o quê?

— Isso mesmo. Que é de uma tribo.

Olhei de lado.

— Mas de que tribo?

— Bem, tu sabes, é tribal. — Havia um tom de irritação na voz dele.

— Não podes simplesmente dizer que é «tribal» — contrapuz. — Como se existisse apenas uma grande tribo e pronto. Que tribo? De onde? Como se chama? O que significa essa tatuagem?

— Vai-te lixar! — Terminou a bebida e bateu com o copo no balcão.

— E como se diz isso em «tribal»?

Mesmo não o desejando, o Guy soltou uma gargalhada.

— Ao menos não saí com um alcoólico precoce.

Assim que acabou de o dizer, a Lottie, uma velha amiga da escola primária, entrou na cozinha com outra rapariga. A Lottie e eu costumávamos ser unha com carne, mas ela era um génio e, no 7.º ano, recebeu uma bolsa de estudos de uma escola privada e deixámos de nos ver. Agora frequentava a mesma escola que eu e já a tinha visto umas quantas vezes pelos corredores; a ela e ao seu comprido cabelo preto a ondear.

— Oh, meu Deus, Evie, aquele rapaz todo bêbedo veio contigo? — interrompeu a Lottie, nem se dando ao trabalho de cumprimentar ninguém.

Abracei-a, em seguida recuei e dei um gole medicinal no vinho.

— Que está ele a fazer agora? — quis saber. Tinham passado apenas cinco minutos. O Ethan não podia ter ficado assim muito pior em tão pouco tempo.

— Calma, ele está apenas, hum, a dançar como um louco, apenas isso. — A Lottie pôs-se a revolver todas as garrafas de bebida. — Ah, esta é a Amber — disse, e apontou para a rapariga ao seu lado. — É minha colega na aula de Arte. Amber, esta é a Evie, frequentámos juntas a escola primária.

Virei-me para dizer «olá», mas fiquei pasmada ao ver como a rapariga era... intimidativa. Devia ter mais de um metro e oitenta e o cabelo ruivo e comprido. Era deslumbrante, no entanto, insistia em manter os braços em redor do corpo, como se quisesse bloquear-se.

— Olá — cumprimentei, com um sorriso.

— Olá — replicou ela.

— Uooooooooou. — O Guy olhava fixamente para cima, para o rosto da Amber. Ela era uns bons dez centímetros mais alta do que ele. — Tu és, tipo... enooooooooorme.

A Amber abraçou-se com mais força.

— Não sou nada. — A voz não combinava nada com a linguagem corporal. Era forte e autoritária. — Tu é que és um anãozinho.

Decidi naquele instante que gostava dela, embora o Guy tivesse ficado estupefacto. Ele, na verdade, era um pouco baixo... coitado.

— Não te preocupes com ele — apressei-me a dizer, desejosa de a impressionar. — Ele acabou de tatuar um verdadeiro mistério no seu corpo... Em «tribal». — Apontei para a tatuagem.

A Amber desatou-se a rir enquanto o Guy mordida o lábio inferior, furioso.

— Digam o que quiserem, vou lá para fora fumar. — Pegou noutra cerveja e saiu da cozinha.

— Rapazes — suspirou a Amber.

— Nem me digas nada — suspirei também.

A Evie só tem um desejo: ser normal! É pedir muito?

Talvez agora, que a Evie está prestes a deixar a medicação e a voltar às aulas, numa escola onde ninguém sabe do seu pequeno «surto», as coisas voltem à normalidade. Nova turma, novas amigas... Agora só falta o seu primeiro namorado!

Não é novidade que as relações levam qualquer um à loucura, mas para a Evie, que é uma verdadeira bomba-relógio, podem ser catastróficas! Ela devia partilhar os seus problemas com as novas amigas, duas feministas em ascensão e com muito para ensinar, mas a Evie não quer ficar conhecida como «a rapariga que se passou»... Até que o peso dos seus segredos começa a ameaçar a sua busca pela tão desejada «normalidade».

Quebrando estigmas sobre a saúde mental, esta é uma história de amor, desgosto e descoberta do amor-próprio, aliando feminismo e amizade, pela voz revolucionária de Holly Bourne.

Lê também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar.

20|20 editora

ISBN 978-989-564-559-6



9 789895 645596

Ficção Romântica